

**A pauta é racismo:
análise sobre o programa Em Pauta e o caso George Floyd¹**

Catarina LOIOLA²

Lucas Gabriel da Silva BATISTA³

Luísa Guimarães LIMA⁴

Centro de Ensino Universitário IESB, Brasília, Distrito Federal

RESUMO

O presente artigo busca analisar a ausência de jornalistas negros durante o debate sobre as manifestações contra o assassinato de George Floyd no programa Em Pauta, transmitido pela Globo News, em junho de 2020. A bancada ocupada por profissionais brancos causou mobilização na internet sobre a importância de escolher comentaristas negros para tratar do assunto. Para tanto, o trabalho realiza um estudo de caso que mapeia o cenário da cobertura jornalística do crime, a partir de pesquisa bibliográfica, sobre a representatividade na imprensa, e de análise quantitativa e qualitativa do que é discutido nas edições destacadas do programa.

PALAVRAS-CHAVE: George Floyd; Racismo; Representatividade; GloboNews; Jornalismo.

INTRODUÇÃO

Quantos jornalistas brancos há em frente às câmeras na televisão aberta e fechada do Brasil? O número exato pode não ser conhecido, mas há a certeza de que é maior que o de negros. A presença de pardos e pretos no telejornalismo é escassa e digna de revolta entre diversos espectadores. Reportadores e apresentadores da notícia, os jornalistas negros, assim como os brancos, podem e devem debater e analisar temas contemporâneos. A constatação, por outro lado, não é verificada frequentemente.

O presente artigo mapeia o cenário do programa Em Pauta, entre os dias 1 e 5 de junho de 2020, em que a presença majoritária de negros ocorreu apenas depois de

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, de 4 a 9 de outubro de 2021.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo do Centro de Ensino Universitário IESB – email: catarinaloiola.jornal@gmail.com

³ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo do Centro de Ensino Universitário IESB – email: diguim.lucas@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do Centro de Ensino Universitário IESB – email: luisaglima@hotmail.com

volumosos questionamentos de internautas. Durante debate sobre o caso George Floyd⁵, no dia 2 de junho, a bancada de comentaristas era toda branca.

Uma imagem do grupo, sem diversidade, propagou-se na web em uma publicação do jornalista Irlam Simões (2020), com os dizeres: “Rapaziada... a pauta é racismo!”. A postagem alcançou 3,8 mil compartilhamentos e mais de 22 mil curtidas, chegando até a redação da GloboNews. A emissora, por sua vez, atendeu ao recado dos internautas e escalou para o programa do dia seguinte, 3 de junho, apenas comentaristas negros. Edição histórica, conforme foi categorizado frequentemente pelo mediador Heraldo Pereira.

O jornalista agradecia constantemente a oportunidade de estar com tantas profissionais negras, sendo elas as comentaristas Zileide Silva, Flávia Oliveira, Aline Midlej, Lilian Ribeiro e Maju Coutinho. O fato mostra como a oportunidade é uma raridade e se diferencia do posicionamento do apresentador Marcelo Cosme em episódios anteriores. Por conta da predominância branca, não há necessidade de qualquer saudosismo ou, ainda, de elucidar ao público que se trata de um evento histórico.

A ocupação do espaço por não negros é encarada com naturalidade. Brancos não precisam ponderar em que locais cabem porque se veem representados em diversas áreas. Assim, se sentem capazes de tudo, diferente dos negros, conforme ponderou a jornalista Zileide Silva (2020) na edição destacada. A profissional rememorou o discurso de Barack Obama na posse de seu primeiro mandato na presidência dos Estados Unidos, em 2008, em que o afro-americano afirma que, a partir daquele momento, negros podiam tudo.

Sob tal cenário, o artigo visa analisar qualitativa e quantitativamente a presença de jornalistas racializados no programa, comparando os dados registrados antes e depois da mobilização virtual. Assim, é possível aferir qual o papel da representatividade no jornalismo brasileiro, sobretudo na cobertura internacional e política.

A análise também tem como objetivo fomentar o debate sobre a forma em que profissionais negros, muitas vezes, são convidados para comentar apenas casos de racismo. Tal fato, também pode ser uma forma de silenciamento, tendo em vista que,

⁵ Afro-americano falecido em 25 de maio de 2020 por asfixiamento realizado por um policial branco, nos Estados Unidos. A morte foi documentada por vídeo, que viralizou em todo o mundo. Na filmagem, o ex-segurança clama por socorro durante oito minutos, com a frase “eu não consigo respirar”. O policial Derek Chauvin, que cometeu o assassinato, foi condenado a mais de 22 anos de prisão, pelo Condado de Hennepin, Estados Unidos, em junho de 2021.

assim como brancos, jornalistas racializados são plurais e capazes de discutir as mais variadas pautas.

Prova de que a imersão de negros é tratada como peculiaridade é que a edição histórica foi reprisada em televisão aberta, diferentemente das demais. A justificativa, além do ineditismo, pode ser a necessidade de promover a ideia de que existe diversidade no elenco da emissora, embora não haja comprovações recorrentes da suposição. Diferente do que afirmou Marcelo Cosme (2020) sobre a escolha dos profissionais para os comentários do programa:

Os jornalistas que dividiram comigo a cobertura ontem, todos experientes e de alto nível profissional, eram todos brancos. Eu estarei mentindo se dissesse que foi um acidente. A Globo tem a diversidade como um valor e se orgulha dos profissionais negros que tem em frente às câmeras e por trás delas. Profissionais de altíssimo nível que comandam, alguns, a apresentação de telejornais aqui na Globo News e também na TV Globo. E (a Globo) busca e continuará buscando ampliar essa diversidade, mas por razões históricas e estruturais de nossa sociedade, também na Globo os colegas negros ainda não são tão quanto desejado. (COSME, 2020)

A presença negra em espaços de maioria branca não anula o racismo, mas serve como representatividade para outras pessoas pretas, ao entenderem que podem alcançar os mesmos postos. É sair do local inferiorizado para a posição de líder, de forma naturalizada, tal qual ocorre com a parcela branca da sociedade, independentemente da classe social. Isso empondera os indivíduos e torna-os capazes de combater a discriminação e injúria racial, desde os atos mais velados aos escancarados.

A gente tem que se encorajar a trazer o tema da raça para todas as nossas discussões, nos prepararmos para isso, trazermos vozes negras que estudam e estão prontas para falar sobre isso, trazer pessoas negras para esses espaços de comunicação, para que o empresariado se sensibilize e comece a repensar seus espaços e imaginar o negro nesses locais. A diversidade é rica e faz bem para todo mundo. (MIDDLEJ, 2020)

METODOLOGIA

O artigo foi iniciado a partir de uma pesquisa bibliográfica para embasamento dos conceitos abordados. Buscamos autores e pesquisas que discutam a representação da pessoa negra no jornalismo, a representatividade em redações e o número de pessoas que se consideram pretas ou pardas no Brasil.

Em artigo no livro “Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação”, Ida Regina Stumpf (2005, p. 51) conta que a pesquisa bibliográfica “é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e da bibliografia pertinente sobre o assunto”.

Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. (STUMPF, 2005, p. 51)

A pesquisa bibliográfica nos aprofundou em relação ao panorama histórico dos temas abordados, pois permitiu a expansão da nossa visão de mundo e do que nos foi ensinado. A revisão literária trouxe embasamento para a argumentação usada durante todo o artigo. Stumpf (2005, p. 52) explica que “a tradição oral deu lugar aos registros impressos e estes, pela capacidade de preservação do saber, permitiram a transmissão do conhecimento com mais precisão”.

Após a pesquisa bibliográfica, partimos para o estudo de caso. Márcia Duarte (2005, p. 216) define o método de apuração como “uma abordagem que considera qualquer unidade social como um todo”. Nesse contexto, o objeto de pesquisa é motivado pelas questões “como” ou “por que” e porta-se como um episódio ou fenômeno contemporâneo dentro do contexto de vida real.

O estudo de caso visa enumerar características únicas do objeto, a partir da descrição detalhada do assunto, interpretação dos significados e indução ao raciocínio a partir da análise dos dados obtidos e nas experiências históricas concretas.

Esta unidade deve ser observada, mas não tem significado em si mesma. Ela só é significativa se um observador puder referenciá-la em uma categoria analítica ou teórica. Não é suficiente observar um fenômeno social, um evento histórico ou destacar certos comportamentos com o objetivo de declará-los ‘casos’. Se desejarmos falar sobre um ‘caso’, precisamos dos meios de interpretá-lo ou contextualizá-lo em uma realidade. Um caso compõe sua uniformidade não das ferramentas teóricas usadas para analisá-los, mas do modo como ele toma forma; nomeado como um fato social ou histórico que combina toda a sorte de elementos dentro de um conjunto de papéis sociais, uma instituição, um movimento social, ou a lógica de uma comunidade. (DUARTE, 2005, p.218)

O desenvolvimento do método é dividido em três etapas, conforme listado por Duarte (2005, p. 225). A primeira é o planejamento do estudo e a exploração do tema, especificando os pontos a serem destrinchados. Em seguida, há a coleta sistemática dos dados relevantes para a pesquisa e pré-decididos na etapa anterior. Aqui, utiliza-se de documentação, entrevistas e observação. Por fim, é chegado o momento de analisar a informação coletada e elaborar o relatório final.

Duarte (2005, p. 228) ressalta que o estudo de caso é “um instrumento passível de alteração e revisão durante os estágios iniciais do estudo”. Assim, falhas e divergências podem ser corrigidas no decorrer do processo.

O estudo de caso exige um investigador bem preparado, uma vez que os procedimentos de coleta de dados não seguem uma rotina e é contínua e intensa a interação entre as questões teóricas estudadas e os dados coletados. As habilidades requeridas são: ser capaz de fazer boas perguntas e interpretar as respostas; ser bom ouvinte e não se deixar enganar por suas próprias ideologias e preconceitos; ser capaz de adaptar-se para encarar novas situações como oportunidade e não ameaça (...). (DUARTE, 2005, p.218)

O presente artigo une os requisitos elencados na pesquisa bibliográfica e no estudo de caso para elucidar o cenário incongruente no jornalismo brasileiro, que prega a igualdade, mas distingue os profissionais pela raça. Nesta pesquisa, analisamos uma semana de exibição do programa Em Pauta, da GloboNews. O período escolhido se inicia em 1 de junho de 2020 e vai até 5 de junho.

A semana teve destaque devido a repercussão negativa da edição de 2 de junho. O programa cobria os protestos pela morte do ex-segurança negro George Floyd, assassinado brutalmente por um policial branco, e, na bancada de comentaristas do Em Pauta, não havia nenhuma pessoa negra.

Com o estudo de caso, analisamos a quantidade de jornalistas pretos ou pardos que foram escalados naquela semana, além do tempo de fala de cada um e o impacto que o programa de 3 de junho, considerado histórico por dar destaque a uma bancada com profissionais negros, trouxe para os outros dias de programação da GloboNews.

NEGROS NA IMPRENSA BRASILEIRA

A inserção de jornalistas pretos e pardos na imprensa brasileira contribui para a luta contra a desigualdade racial em dois, entre tantos outros, aspectos: representatividade e pluralidade em visão de mundo.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018, dos 209,2 milhões de habitantes do Brasil, 19,2 milhões se assumiram como pretos, enquanto 89,7 milhões se declararam pardos. Esse número corresponde a um aumento de 32,2% em relação ao mesmo relatório realizado em 2012. De lá para cá, 4,7 milhões de pessoas a mais se autodenominaram como pretas ou pardas.

A Pnad realizada em 2016 mostrou que a televisão faz parte do dia a dia da maioria dos brasileiros. Os dados foram revelados pelo IBGE apenas em 2018, mas indicaram que dos 69,3 milhões de domicílios particulares permanentes no Brasil, somente 2,8%, ou 1,9 milhão, não tinham televisão. Deste modo, conforme explica Sousa e Braga (2017, p. 5), “a mídia, principalmente a TV, é a principal fonte de

informação para cidadãos comuns e até para grupos sociais formadoras da opinião pública”.

No entanto, a força da influência da televisão no olhar da população nem sempre é positiva. No livro “A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira”, Joel Zito Araújo (2001) destaca que os negros são representados corriqueiramente através de estereótipos ruins, como pobres e favelados, em noticiários, jornais e teledramaturgias. Hamermüller (2018) complementa:

A referência de negritude que a população negra brasileira tem através da televisão é negativa e faz com que este grupo não queira se identificar com as características apresentadas. Isso resulta em uma negação da sua verdadeira identidade e, muitas vezes, de sua origem, fazendo com que a forma como a negritude é mostrada na televisão, tome corpo e se torne real. (HAMERMÜLLER, 2018, p. 46)

Logo, com a inserção de negros nas plataformas de mídia, os veículos de comunicação conseguem atingir os aspectos de representatividade e pluralidade em visão de mundo, além de dispensar a visão negativa da raça. Exemplo de mudança positiva são a presença de um negro como repórter, apresentador e quaisquer outras posições de destaque na mídia e televisão.

No jornalismo impresso, a representatividade diminui, por perder um importante elemento: a imagem. Apesar disso, a visão de mundo de um jornalista negro segue tendo valor, pois parte de um ponto de vista diferente do habitual das redações. Na obra “Lugar de Fala”, Djamilia Ribeiro (2019) afirma que “o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas”.

Entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados. Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experimentar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experimentar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos. (RIBEIRO, 2017)

Em contrapartida, Santos (2019, p. 25) avalia que um jornalista negro pode se sentir pressionado a relatar a realidade seguindo os preceitos editoriais do veículo no

qual ele escreve. “Mas, partindo de um lugar social marginalizado, sua percepção da realidade dificilmente será a mesma de quem sempre deteve o privilégio da fala”.

É preciso, pois, refletir sobre a fala do sujeito, daquele que é cidadão, antes mesmo de jornalista. O direito de falar é reivindicar a própria existência e exercer, de alguma forma, um certo tipo de poder. O jornalismo que reflete em seu espelho a sociedade é infiel ao representar o negro e demais grupos marginalizados. (SANTOS, 2019, p. 25)

Dessa forma, oportunizar a presença de jornalistas pretos e pardos em veículos de comunicação tem uma função que vai além do cumprimento de cota, visto corriqueiramente em programas em que há a presença de apenas um negro, para cumprir protocolos. Pretos e pardos à frente do jornalismo provocam ganhos na retratação da sociedade como potencial sistema racista, maior identificação da população espectadora e também combate ao racismo institucionalizado.

Não se pode negar que o preconceito de pele é um comportamento institucional e estruturado presentes nas instituições públicas e privadas do Brasil, podendo ser justificada pela formação histórica dessa população, nas quais vivem os efeitos na vida social até nos dias atuais, possuindo mal acesso às condições básicas de vida (saúde, segurança, educação, dentre outras), marginalizados e esquecidos pelos brancos. Fenômeno que fica evidente no modo em que a mídia televisiva retrata, ou não, o negro em suas narrativas jornalísticas. (SOUSA; BRAGA, 2017, p.11)

REPRESENTATIVIDADE

A representatividade é importante para que as pessoas se sintam capazes e bem-vindas em todos os espaços da sociedade. No jornalismo, a diversificação de raça e gênero é essencial para que diferentes pontos de vista sejam abordados, em consonância com a linha editorial do veículo.

Para pessoas brancas, ver semelhantes nos espaços não é tema de debate devido à normalização da presença dos mesmos. Por outro, a incidência de negros e pardos em espaços como o jornalismo televisivo ainda é escassa, sobretudo em debates sobre temas contemporâneos relevantes. Embora a contratação e produção de pessoas não brancas também sejam essenciais no jornalismo impresso, por conta da captação de outros vieses, é na televisão que a representatividade é de fato perceptível e funcional.

No livro “Cultura e Representação”, Stuart Hall (2000) explicita que a representação ocorre a partir do conceito dos significados culturais, que têm efeitos substanciais e reguladores nas práticas sociais. Assim, o reconhecimento da própria cultura e identidade, por meio dos mapas mentais sobre a realidade, permite a sensação de pertencimento ao todo.

No cerne do processo de significação na cultura, surgem, então, dois ‘sistemas de representação’ relacionados. O primeiro nos permite dar sentido ao mundo por meio da construção de um conjunto de correspondências, ou de uma cadeia de equivalências entre as coisas - pessoas, objetos, acontecimentos, ideias abstratas etc. - e o nosso sistema de conceitos, os nossos mapas conceituais. O segundo depende da construção de um conjunto de correspondências entre esse nosso mapa conceitual e um conjunto de signos, dispostos ou organizados em diversas linguagens, que indicam ou representam aqueles conceitos. A relação entre ‘coisas’, conceitos e signos se situa, assim, no cerne da produção do sentido da linguagem, fazendo do processo que liga esses três elementos o que chamamos de ‘representação’. (HALL, 2000, p. 38)

Nesse contexto, apesar de existir a defesa social da diversidade nos meios jornalísticos televisivos, a presença de profissionais nos cargos maiores e em eventos relevantes ainda é escassa, mesmo em assuntos diretamente relacionados com negros e pardos. Em seus escritos, Hall aborda como o negro é tratado estritamente como objeto. Relacionar a discussão intelectual a profissionais não brancos, ainda, não é corriqueiro na programação televisiva brasileira, exceto quando em casos sobre racismo. Sobre o regime de representação, ele diz que “a estereotipagem, enquanto prática de produção de significados é importante para a representação da diferença racial”.

[...] Qual é o diferencial de um estereótipo? Estes se apossam das poucas características ‘simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas’ sobre um pessoa, tudo sobre ela é reduzido a esses traços que são, depois, exagerados e simplificados. Este é o processo que descrevemos anteriormente. [...] A estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a “diferença”, (HALL, 2000, p. 36)

Por outro lado, designar apenas discursos sobre pautas raciais a esses profissionais também se caracteriza como estereotipização, com o tratamento dos negros apenas como objeto, nesse caso, de estudo.

Para Martins (2016), a inserção da população negra e parda na atividade jornalística, ademais no debate de temas raciais, é uma forma de combater o próprio racismo e a desigualdade racial. Desse modo, uma maior participação dessa parcela da sociedade facilitaria a mudança de um discurso excludente, típico da mídia hegemônica. “A mídia exerce papel fundamental na desconstrução de valores e preconceitos da sociedade como um todo, já que está ligada diretamente à formação da opinião pública” (MARTINS, 2016, p. 3).

Com a presença maior de negros e pardos nos espaços televisivos, o discurso dominante poderá então ser superado, com a equalização das raças. Consequentemente, os veículos de comunicação são inseridos na pluralidade dos assuntos. A mídia passa a

atuar como parte importante do sistema de representação de todas as raças, não apenas das dominantes, e com a quebra de estereótipos que podem perpetuar o racismo.

ANÁLISE DO OBJETO

Na edição de 1 de junho do programa Em Pauta, da GloboNews, a primeira analisada por este artigo, 11 jornalistas participaram. Todos brancos. Era a cobertura do 7º dia de protestos pela morte de George Floyd, mas o tema central se tornou o presidente Donald Trump. As correspondentes, direto dos protestos, trouxeram a carga emocional que as manifestações carregavam. Já os comentaristas mostravam certo distanciamento e seguiam focando no presidente americano.

Nessa edição, houve a maior discrepância de repetições entre os nomes de Donald Trump e George Floyd. Foi neste mesmo dia que o presidente estadunidense mandou o policiamento dispersar manifestantes para que pudesse fazer uma caminhada e tirar uma foto em frente à igreja Episcopal de Saint John, um edifício histórico próximo à Casa Branca, que havia sido danificado na noite anterior durante o protesto contra o racismo. Por conta disso, o nome de Trump foi repetido por 66 vezes, enquanto o de Floyd apenas 14. A palavra racismo também ficou para trás, com somente 19 repetições. Os números mostram que a tentativa do presidente americano de trazer os holofotes do protesto, para ele, funcionou.

No dia 1 de junho, o Em Pauta priorizou a cobertura ao vivo dos correspondentes, por isso, eles tiveram um tempo de fala maior em relação aos comentaristas. O distanciamento com relação ao tema também foi notório. Em uma volta dos comerciais, o apresentador Marcelo Cosme (2020) disse: “Voltamos ao vivo com imagens dos protestos nos Estados Unidos. O movimento teve início após a morte daquele homem negro por um policial branco”, sem se dar o trabalho de citar o nome de George Floyd.

A cobertura do dia 2 de junho, que levou a discussão da ausência de jornalistas negros para as redes sociais, curiosamente, contou com a participação de duas mulheres negras, o que não ocorreu no programa anterior. Mesmo assim, o número ainda é baixo, pois ao compararmos com a quantidade de brancos que participaram da edição é um número seis vezes menor.

A repórter Lilian Ribeiro, que compôs a bancada da histórica edição do dia 3 de junho, entrou no programa, direto do Rio de Janeiro, para informar sobre uma declaração preconceituosa do presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo. A

repórter teve apenas uma inserção durante todo o programa e falou somente por dois minutos.

A outra pessoa negra que compôs o programa foi a professora e historiadora especialista em estudos sobre abolição, escravidão e relações raciais no Brasil e EUA, Luciana Brito. A convidada não conseguiu concluir o raciocínio nos dois momentos que foi chamada para debater no programa. Nas duas falas, ela tentou fazer um comparativo histórico da luta racial no Brasil e nos EUA, mas acabou interrompida pelo apresentador Marcelo Cosme, dando a entender que a visão da historiadora especialista em racismo não era tão importante naquele momento. A convidada, inclusive, saiu sem uma despedida ou agradecimento do apresentador, o que é de praxe em programas ao vivo.

Enquanto Luciana teve apenas cinco minutos de espaço, o comentarista da casa Jorge Pontual, branco, teve mais do que o dobro: 11 minutos. Em dado momento do programa, Pontual (2020) disse que a causa dos protestos, já em 8º dia de duração, não era mais apenas a causa racial: “O movimento se iniciou com a causa antirracista e se tornou um grande protesto contra a opressão. Tem muita gente nas ruas que não está protestando só pela morte de George Floyd, está protestando para que o sistema mude”.

A repórter Candice Carvalho, que acompanhou todos os dias de manifestações em Nova York, discordou do comentarista durante a transmissão.

Aqui em Nova York os protestos estão muito lindos e pacíficos. Pessoas de todos os tipos, vários países e idades dando exemplo de democracia. Todos pedem justiça, mas sem dispersar da ideia central que é chamar atenção para o racismo nos Estados Unidos. George Floyd não foi o primeiro, mas as pessoas pedem que ele seja o último. (CARVALHO, 2020)

Mesmo com declarações como a de Carvalho, é preciso ressaltar que o debate só teve 14% de pessoas negras, com um tema que apenas pardos e pretos sentem na pele. O fato foi alvo de reclamação do jornalista Irlam Simões (2020), de forma irônica, na rede social Twitter. Ele escreveu: “Rapaziada... A pauta é racismo!”.

Como resposta, a emissora realizou a edição especial, apenas com jornalistas negros. A presença de profissionais afrodescendentes foi maior do que a de brancos, com a aparição de quatro pessoas não negras e seis negras. Nos outros programas, a maior frequência visualizada foi a contrária, tendo em vista a disparidade entre jornalistas negros e brancos.

Na ocasião histórica, não se tratava unicamente de dados e fatos, os jornalistas demonstraram sentimentos, dor, indignação e ainda contaram casos que ocorreram com

eles, diferentemente das outras edições analisadas pelo artigo. O programa foi um marco tanto para a emissora quanto para a população negra do Brasil.

Muitas crianças negras ainda crescem no Brasil, por vários fatores, sem ter isso como pauta dentro de casa. O racismo acaba sendo um monstro do qual você vai fugindo, aquilo não vai sendo dito, não vai sendo comentado. Muitas mulheres crescem sem essa educação por racismo, sem orgulho do que são. Mas, quando esse processo acontece, e está sendo cada vez mais rápido e cada vez mais forte, o orgulho negro também palta o sistema. Pressiona o sistema. O sistema se vê obrigado a repensar isso porque o mercado consumidor. (...) Começa a exigir mais, começa a falar mais alto e aí começa ser ouvido, porque não tem jeito (...) O reconhecimento da própria história, o orgulho disso, tem um impacto direto neste sistema que a gente quer modificar. (MIDDLEJ, 2020)

O programa trouxe identificação e experiências pessoais dos jornalistas para a conversa. Racismo, manifestações, mobilidade social, entre outros temas, foram pautas para debate. A cobertura do factual também teve espaço.

Hoje a pauta foi importante, a luta antirracista, mas que nós negras e negros não fiquemos em uma segunda escravidão que é só falar sobre esse tema. Então que isso vá para frente, falemos de racismo, mas também sobre outras coisas. Eu não quero só ser chamada mais para entrevistas que só falem sobre a questão do negro, temos muito mais a oferecer e é importante que se normalize nossa presença falando sobre diversos assuntos. (COUTINHO, 2020)

Em relação ao uso de nomenclaturas, o programa do dia 3 destaca-se pelo uso escalonado de termos variantes de negros, pretos e afro-americanos. O total foi de 131 repetições.

Durante a edição do dia seguinte, 4 de junho, a predominância de jornalistas brancos voltou a ser maior do que a de negros. Houve a participação de duas jornalistas negras para 14 brancas, entre mediador, comentaristas, repórteres e correspondentes internacionais. As duas profissionais em questão eram Zileide Silva e Flávia Oliveira, que falaram cerca de 10 e 12 minutos, respectivamente. Em contrapartida, os demais utilizaram, somados, cerca de 75 minutos.

No programa posterior, último analisado pelo artigo, a presença de negros também se restringiu a dois profissionais, sendo a comentarista Zileide Silva e o professor de direito na Fundação Getúlio Vargas de São Paulo Thiago Amparo. Por outro lado, houve a aparição de 10 jornalistas não negros.

Fato peculiar da edição do dia 5 de junho foi que as manifestações em prol de George Floyd nos Estados Unidos saíram da pauta inicial, citada logo ao início do programa. O apresentador Marcelo Conte introduziu o tema apenas na metade da exibição. Ao todo, o nome do afro-americano foi dito quatro vezes, menos do que nas

demais edições analisadas. No programa do dia 4, o nome foi citado 15 vezes, enquanto na do dia 3, em que a bancada era predominantemente preta, teve mais de 26 repetições.

Donald Trump, atual presidente dos Estados Unidos, também foi mencionado na edição do dia 5. O total foi de quatro menções, assim como no dia 3, contra 66 repetições na exibição do dia 1 de junho.

Ainda durante a edição do dia 5 de junho, a comentarista Eliane Cantanhêde utilizou o termo “negrinhas e mulatas” para se referir às crianças que são vítimas de disparos nas periferias do Rio de Janeiro. Em sua fala, a jornalista afirmou que o alvo está sempre nas costas infantis.

O uso da palavra mulata não recebeu quaisquer retaliações dos demais comentaristas e apresentador da edição. Conforme apresentado no site Dicio (2021), a etimologia da palavra mulata deriva da junção de mulo, que é um animal híbrido, e do sufixo - ato. No texto “Sobre a invenção da mulata” (1996), de Mariza Corrêa, a autora discorre sobre como o nome diferencia os negros entre eles mesmos e impõe outras discriminações raciais. De acordo com ela, o termo é frequentemente imposto a pessoas do sexo feminino negras, porém não retintas, e vistas como objeto sexual.

Os pesquisadores que trabalham com a questão das relações raciais afirmam que o modelo brasileiro privilegiaria um continuum, e não categorias polares, como Branco e Negro, priorizando assim a alocação situacional, ou relacional, dos personagens numa escala cromática na qual outras classificações sociais interferem para defini-los como mais ou menos próximos a um ou outro desses pólos. (CORRÊA, 1996, p.46)

Por fim, apesar de haver uma melhora no número de presenças negras após o programa de 3 de junho, o número de participações de negros no Em Pauta na semana analisada ainda foi quatro vezes menor do que a de brancos, aproximadamente. Sem contar com os apresentadores Marcelo Cosme, que é fixo no programa desde 2019, e Heraldo Pereira, que comanda o Jornal das Dez na emissora, houve 43 participações de não negros no Em Pauta, contra 11 de pretos e pardos, entre 1 e 5 de junho de 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas quatro edições do programa analisado, ressaltando-se ao do dia 3 de junho, a aparição de pessoas negras restringiu-se a uma quantidade irrisória em comparação com a de brancas. Nas edições em questão, para cada duas pessoas negras, havia, pelo menos, nove pessoas brancas. O programa do dia 1 de junho, por sua vez, foi ocupado totalmente por brancos.

Ademais, outra particularidade analisada é que, durante as edições objeto deste estudo, não houve nenhum negro na posição de correspondente internacional, prova evidente da ineficiência da diversidade pregada pela emissora. Outro ponto é a importância que se deu aos dois especialistas convidados para tratar sobre a pauta racial. Embora fossem negros, não tiveram muito tempo de fala e foram interrompidos constantemente.

Além disso, apenas a jornalista Flávia Oliveira já tinha o ofício de comentarista anteriormente. As demais jornalistas foram inseridas dentro do contexto emergencial. Maju Coutinho e Aline Midlej são apresentadoras, Lilian Ribeiro e Zileide Silva são repórteres de canais de comunicação diferentes dentro do Grupo Globo. A busca por jornalistas para compor a bancada da edição notória mostra como há a necessidade de inclusão de mais profissionais pretos e pardos na emissora.

Como pontos positivos, a edição histórica do dia 3 de junho influenciou em outros programas da empresa, mesmo não tendo impacto expressivo na escalação do Em Pauta para programas posteriores. As jornalistas Zileide e Flávia entraram no time fixo de comentaristas do programa Jornal das Dez, exibido de segunda a sexta-feira em seguida ao Em Pauta na grade da Globonews e apresentado pelo também negro Heraldo Pereira. Flávia, inclusive, passou a figurar com mais frequência no Em Pauta.

A jornalista Aline Midlej, por sua vez, ganhou mais espaço na emissora após a edição de 3 de junho. Falas da profissional sobre as experiências com racismo viralizaram nas redes sociais. Resultado do espaço conquistado, a apresentadora comandou o Em Pauta no mês de agosto, enquanto Marcelo Cosme estava afastado devido a uma cirurgia. Aline Midlej também passou a comandar sozinha o Jornal da GloboNews - Edição das 10h, bancada que antes dividia com a apresentadora Raquel Novaes, branca.

A inclusão, aos poucos, de jornalistas negros em posições de destaque no telejornalismo acompanha a enxuta participação de negros em cargos mais altos no mercado de trabalho. De acordo com a reportagem “Menos de 5% dos trabalhadores negros têm cargos de gerência ou diretoria, aponta pesquisa”, do portal G1 (2020), os trabalhadores negros têm participação reduzida em cargos de suporte, média e alta gestão.

A matéria é baseada em pesquisa realizada pela Vagas.com, plataforma online de recrutamento que mostra que 47,6% dos pretos e pardos ocupam posições

operacionais e 11,4% trabalham em cargos técnicos – percentuais superiores aos relatados por brancos, indígenas e amarelos. Uma minoria entre os negros relatou ocupar cargos de diretoria, supervisão, coordenação e de senioridade, de alta e média gestão: apenas 0,7% dos entrevistados.

Desse modo, por mais que o programa do dia 3 de junho tenha sido histórico, os programas posteriores continuaram mostrando a desigualdade na escalação de jornalistas da GloboNews. O programa Em Pauta é líder de audiência, exibido em horário nobre e apenas os jornalistas mais gabaritados compõem a bancada. Porém, é um retrato da desigualdade racial, pois comprovou-se que negros só podem formar o time de uma edição se ela for especial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2004.

CARVALHO, Candice. **Em Pauta**. GloboNews. Brasil, 2020. Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/globonews-em-pauta/v/8598590>. Acesso em: 18/11/2020.

CORRÊA, M. **Sobre a invenção da mulata**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 6/7, p. 35-50, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1860>. Acesso em: 26/11/2020.

COSME, Marcelo. **Em Pauta**. GloboNews. Brasil, 2020. Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/globonews-em-pauta/v/8601440>. Acesso em: 18/11/2020.

COUTINHO, Maria Júlia. **Em Pauta**. GloboNews. Brasil, 2020. Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/globonews-em-pauta/v/8601440/>. Acesso em: 18/11/2020.

DICIO. **Significado de mulata**. Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mulata/>. Acesso em: 11/08/2020

DUARTE, Márcia. In: **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

G1. **Menos de 5% dos trabalhadores negros têm cargos de gerência ou diretoria, aponta pesquisa**. Brasil, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/09/24/menos-de-5percent-dos-trabalhadores-negros-tem-cargos-de-gerencia-ou-diretoria-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 02/12/2020.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HAMERMÜLLER, Amanda Farias. **A cor na televisão: uma análise da representatividade racial entre os repórteres e apresentadores da Rede Globo e o papel televisivo na construção da identidade negra.** Porto Alegre: UFRGS, 2018.

MARTINS, Miliane. **A Inserção do Negro no Jornalismo: uma forma de combater o racismo?.** Paraná: Faculdades SECAL, 2016.

MIDDLEJ, Aline. **Em Pauta.** GloboNews. Brasil, 2020. Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/globonews-em-pauta/v/8601440/>. Acesso em: 18/11/2020.

PNAD Contínua. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal.** IBGE. Brasil, 2016. (https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Anual/Acesso_Internet_Televisao_e_Posse_Telefone_Movel_2016/Analise_dos_Resultados.pdf). Acesso em 28/10/2020.

PONTUAL, Jorge. **Em Pauta.** GloboNews. Brasil, 2020. Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/globonews-em-pauta/v/8598590/>. Acesso em: 18/11/2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?.** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SANTOS, Yasmin. **Letra preta: a inserção de jornalistas negros no impresso.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

SILVA, Zileide. **Em Pauta.** GloboNews. Brasil, 2020. Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/globonews-em-pauta/v/8601440/>. Acesso em: 18/11/2020.

SOUSA, Aryclennys Silva. BRAGA, Claudomilson Fernandes. **Mídia, Jornalismo e Cidadania: a representação do negro na mídia televisiva no Brasil.** Goiânia: UFG, 2017.
STUMPF, Ida. In: Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.